

# Pais dormem na fila por matrícula

*A oferta de vaga para segundo grau e profissionalizante na rede pública é inferior à demanda*

ANA SÁ

A falta de vagas no ensino do segundo grau e profissionalizante nas escolas públicas de Brasília ficou evidenciada ontem diante da procura de matrículas, mesmo já tendo iniciado o ano letivo. No Centro Educacional da Asa Norte (CAN), estudantes e pais de alunos dormiram na fila para garantir uma vaga. A escola ofereceu ontem um total de 318 matrículas para o segundo grau e cursos profissionalizantes, depois que encerrou o processo de recuperação de verão. A procura, contudo, foi superior a oferta e muita gente retornou para casa sem garantir sua matrícula.

Vera Lúcia Araújo de Souza, 23 anos, quer voltar a estudar este ano, mas ainda não conseguiu vaga, apesar de ter tentado ontem no Setor Leste e Elefante Branco. "No primeiro, não encontrei vaga e, no segundo, me deparei com uma fila imensa para disputar uma das 75 vagas. Não tive chance nenhuma", disse Vera.

## Procura de vaga surpreende Secretaria

A grande procura por vagas surpreendeu a Secretaria de Educação. O diretor de Planejamento do órgão, professor Júlio Gregório, assinalou que "não esperávamos esse número de candidatos". Ele informou que a rede pública vai assegurar vagas no ensino fundamental, da primeira a oitava séries, conforme determinam a Constituição e a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Com relação ao segundo grau, Gregório explicou que só depois de um balanço geral das matrículas efetivadas pelas escolas é que será possível oferecer novas vagas. A secretaria pretende fazer esse balanço ainda esta semana.

A diretora do Departamento de Pedagogia da Fundação Educacional, professora Inês Bettoni, também explicou que a rede pública experimentou duas situações de matrículas este ano. A

**Dificuldade** - O militar Djalma Ferreira foi uma das 136 pessoas que dormiram na fila no CAN para assegurar uma vaga na 1ª série do segundo grau para sua filha Lígia, 14 anos. "Não dá para mantê-la na escola particular", explicou Djalma. Ele informou que ela nunca estudou em escola pública, mas seu salário de militar (R\$ 830,00) não está dando para arcar com uma mensalidade de R\$ 157,00.

A escriturária Elizabeth Dantas chegou na escola às 8h00 e só conseguiu a senha de número 265 para tentar uma vaga, no 1º ano do curso acadêmico, para o sobrinho Genário Dantas da Silva, 14 anos, transferido do Pará. "A diretora assegurou que hoje (ontem) não haveria fila e nem distribuição de senha", disse. Elizabeth contou que já havia procurado vaga no Gisno, no Elefante Branco e no Setor Leste e não conseguiu. "A minha última chance é aqui, mas acho que não vou conseguir porque cheguei às 8h00 para enfrentar essa fila", constatou. A

escola ofereceu apenas 40 vagas para o primeiro ano.

Na mesma situação estava Eliane Mattos Camargo, que tentava matricular o sobrinho Emerson, 18 anos, que veio de Salvador. "Infelizmente, o governo não garante vaga para quem quer estudar", criticou. Outros pais tentavam transferir seus filhos para o CAN. Um deles, o militar Dourival Melchior, chegou às 19h30 de segunda-feira, dormiu na fila e conseguiu matricular o filho Márcio Fernandes, 16 anos, no primeiro ano do acadêmico. "Valeu o sacrifício", admitiu.

A maioria das pessoas que tentou ontem o CAN desejava conseguir uma das 226 vagas oferecidas para os cursos profissionalizantes de Contabilidade e Administração. Foi o caso da cearense Kátia Maria Bento da Silva, 23 anos, que chegou em julho a Brasília em busca de emprego. "Quero fazer um curso profissionalizante porque o mercado de trabalho está muito exigente", justificou.

primeira ocorreu em dezembro quando todos os alunos matriculados na rede pública renovaram suas matrículas. A segunda foi garantir a renovação das matrículas para aqueles que ficaram em recuperação. "Garantimos a renovação de matrícula para todos nossos alunos, mas é impossível assegurar vagas para todos os estudantes de fora que procuram a rede", disse a diretora.

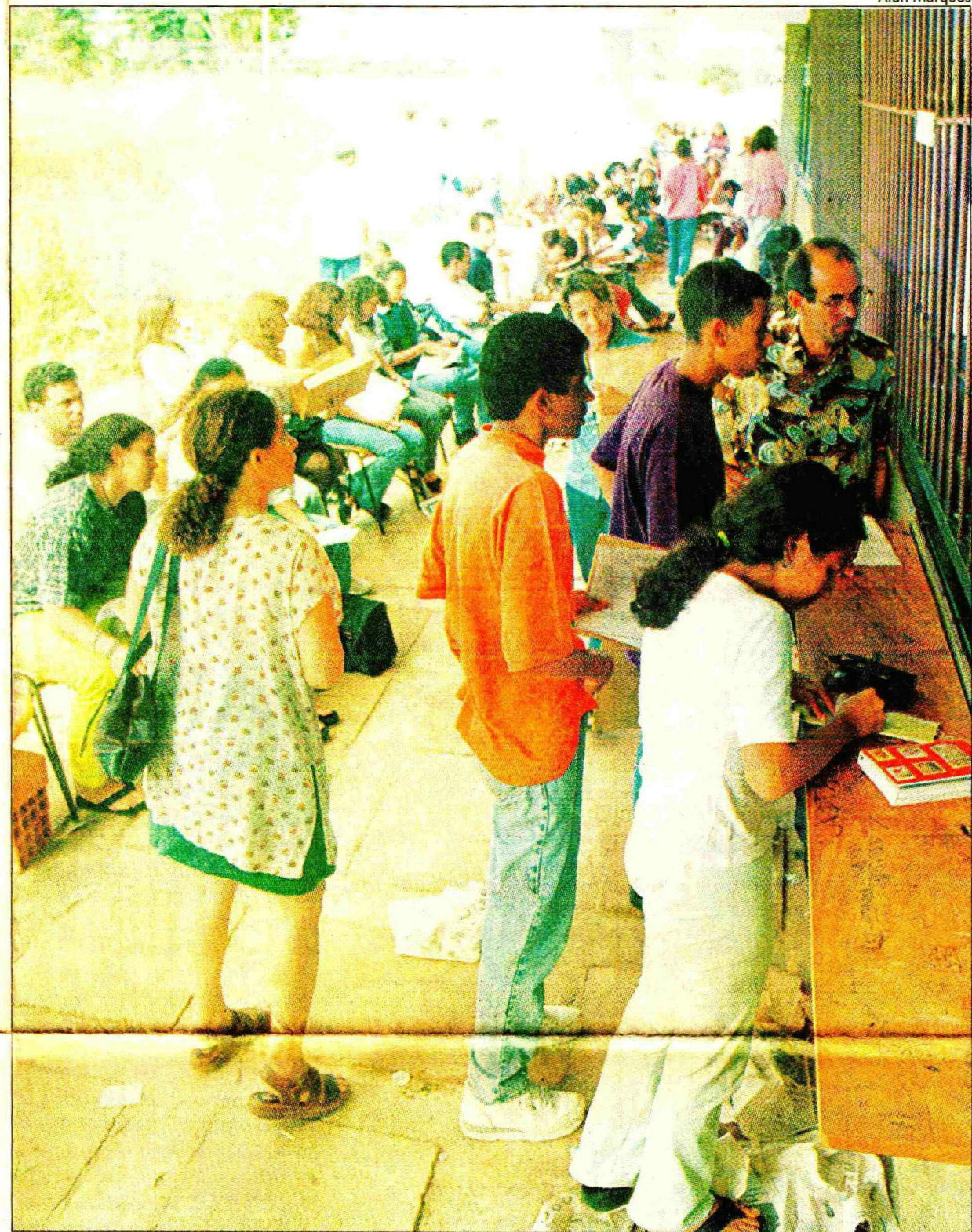
**Prova** - Para o segundo grau, segundo explicou a diretora, foi feita uma prova classificatória para o ingresso dos alunos vindos de fora ou que desejavam se transferir para um determinado curso. "Fizemos essa prova porque nos cursos profissionalizantes tivemos mais procura do que vaga", disse ela.

Inês Bettoni acredita que a grande procura registrada essa semana é provocada pela fuga da escola particular por-

que a situação econômica dessas famílias não permite arcar com as mensalidades.

A Fundação Educacional também reconhece que este ano aumentou a procura pelos cursos profissionalizantes. Ano passado, 11.600 mil alunos fizeram inscrições nas provas para esses cursos oferecidos nas 26 escolas da rede, além do Colégio Agrícola, da Escola Técnica de Brasília e da Escola de Música. Este ano, 20 mil alunos se inscreveram, além do contingente que ainda procura por vagas esta semana.

Inês Bettoni acredita que as exigências do mercado de trabalho está forçando o jovem a estudar. "Eles estão ávidos para trabalhar e concluir o segundo grau favorece a procura de um emprego com um perfil mais determinado", avalia. (AS)



Alan Marques

No CAN, a fila iniciada na segunda-feira permaneceu durante todo o dia de ontem para as 318 vagas